

# Cinemas cariocas

*As mudanças e adaptações dos cinemas de rua do Rio de Janeiro para sobreviver à era dos “multiplex”*

BERNARDO AMARO EYNG, FELIPE ANDRADE GOMES E GUILHERME SCHUTZE

**A**inda está para nascer alguém que diga que não suporta cinema. Há, sem dúvida, os que não ligam, os que preferem teatro, ou até mesmo os que só vão porque não tiveram idéia melhor ao chamar a “ficante” para sair. O “cineminha”, para os íntimos, pode não ser o programa favorito da grande maioria dos cariocas, mas é, sem dúvida, um programa indispensável.

No entanto, a ida ao cinema no final de semana mudou consideravelmente nos últimos anos. O ritual era um clássico: escolher a sessão no jornal, ver se o bonequinho está batendo palmas, sair de casa e ir até o cinema predileto, comprar os ingressos, a pipoca e, quem sabe, algumas balinhas com o vendedor simpático que fica na porta. Depois, esperar na fila e correr para escolher o melhor lugar. É difícil negar que este processo não desperte lembranças na cabeça de todos os que viveram a era dos cinemas de rua.

## **Adaptação aos novos tempos**

Na internet consultamos uma relação de todos os filmes, horários e salas disponíveis em dois ou três cliques. Compramos no cartão, imprimimos em casa mesmo e com a chave do carro nas mãos, saímos de casa. O estacionamento fica no próprio shopping e é proibi-



Marcelo Janot, crítico de cinema

DIVULGAÇÃO

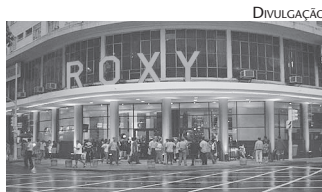
do entrar com pipoca se esta não for vendida pelo próprio cinema. Antes de entrar na sessão, com lugares marcados, escolhemos o melhor combo-super-mega-plus-blaster que inclui pipoca e refrigerante em tamanhos norte-americanos e preços europeus.

Alguns dizem que o cinema perdeu a graça, mas na verdade muitas mudanças vieram para o bem. Dentro dos *shoppings*, os estacionamentos são mais seguros e existe o conforto de saber que sempre haverá vagas. As salas em forma de estádio evitam problemas com os mais altos da cadeira da frente. As poltronas têm apoio para cabeça – não deve haver saudosista que consiga defender as poltronas que só iam até os ombros – e são reclináveis, com apoio para o refrigerante. Na hora de ir embora, não há mais o risco de andar pelas ruas nas sessões que terminam tarde da noite.

“Qual a razão para eu ficar meia hora procurando uma vaga, deixar meu carro em lugar pouco seguro e ainda ter que ver o filme em uma sala de cinema desconfortável? Quando eu vejo na internet em que cinema vou, nem penso em ir em cinema de rua”, opina André Carvalho, estudante de Administração.

Mas ainda assim existem os nostálgicos, que enxergam os cinemas de rua como sobreviventes dos tempos modernos. “Meu ritual inclui ir andando da minha casa até o Roxy. Compro balas com o baleiro da rua, que já me conhece, e vejo os filmes no meu cinema favorito”, conta Julio Tavares, estudante de Cinema.

No entanto, não devemos ser tão radicais ao analisar a troca dos cinemas de rua pelos “multiplex”. Assim como nessa recente mudança, o Grupo Severiano Ribeiro, segundo maior exibidor



*Roxy, em copacabana*

***Alguns dizem que o cinema perdeu a graça, mas na verdade muitas mudanças vieram para o bem***

***Os donos de cinemas de rua renovaram suas salas e deram uma cara nova ao circuito mais tradicional. Grandes reformas introduziram poltronas mais confortáveis, lanchonetes e, assim como os cinemas de shopping, a venda pela internet***

do Brasil, com mais de 200 salas, participou da implantação do sistema CinemaScope, trazendo para o país, em primeira mão, a exibição de filmes com som estéreo magnético para o Cine Palácio, na Cinelândia, no Rio de Janeiro. Nos anos 1990, a empresa convenceu os proprietários dos novos centros comerciais de que a inclusão das salas exibidoras seria lucrativa e atrairia público. Em 2002, a empresa criou a marca

Kinoplex, que dá nome aos mais modernos complexos cinematográficos da empresa, o maior deles com 15 salas, em Campinas, São Paulo.

Com a chegada desta nova categoria, os donos de cinemas de rua renovaram suas salas e deram uma cara nova ao circuito mais tradicional. Grandes reformas introduziram poltronas mais confortáveis, lanchonetes e, assim como os cinemas de *shopping*, a venda pela internet. Na verdade, hoje a maioria dos cinemas de rua oferece as mesmas facilidades e o mesmo conforto dos “multiplex”, mas também apresentam o charme dos cinemas de antigamente.

Contudo, o público das salas mais clássicas nem sempre está em busca da melhor pipoca ou da poltrona que facilita um “amasso” entre namorados, mas sim de um circuito de cinema mais alternativo. E o Cine Odeon é um exemplo disso. “O Odeon é incrível, pois até hoje é um dos poucos cinemas que oferece opções de filmes não hollywoodianos e, além disso, tem as maratonas que são sempre cheias de boas produções pouco apreciadas pelo circuito comercial. Um cinema de *shopping center* jamais exibiria obras como estas”, acredita Julio.

De fato, o Odeon não é um cinema comum. Existem sessões com filmes campeões de bilheteria e pré-estréias, mas também a Sessão do Meio-dia, a sessão Cine Black, o Cachaça Cine Clube, a Sessão Cineclube e ainda o Festival Fora de Época. Além disso, é freqüente a existência de ciclos homenageando importantes diretores mundiais, com a exibição seqüencial de obras significativas de sua filmografia.

Mas o Odeon não é o único cinema que diversificou sua programação. Diante da forte con-

corrência, donos de cinemas de rua tiveram que criar argumentos mais fortes do que simplesmente o charme para atrair o público para suas salas. As reformas foram o primeiro passo, seguidas por convênios com estacionamentos rotativos próximos (como no caso do Unibanco Arteplex, no bairro de Botafogo) ou com manobristas pagos (como o Cinema Leblon). Mas existem também lugares como o Cine Íris, no Centro do Rio. Famoso por sua programação pornográfica, a enorme sala de cinema abriu seu espaço para *shows*, como a gravação do DVD da banda Los Hermanos, e para festas periódicas como a LOUD, a DDK e a Noite Livre.

### Saudosismo

A paixão pelos cinemas de rua pode chegar a situações extremas, como o Centímetro Conservatória. É uma réplica perfeita do Metro Tijuca, demolido em 1977 para dar lugar a uma loja de departamentos. Inaugurado em agosto de 2005, o cinema de 60 lugares é a realização de um sonho do advogado Ivo Junior, 60 anos, apaixonado pelas clássicas salas de cinema. Ivo escolheu a pacata cidade de Conservatória, no sul Fluminense, para construir o último exemplar existente de um cinema Metro.

Todos os detalhes remetem à época de ouro da produtora Metro Goldwin Meyer (MGM): a arquitetura *art déco*, os objetos originais e o frio exagerado do ar-condicionado. Entre 1940 e 1970, os suntuosos cinemas da Metro eram programa obrigatório dos cariocas nos fins de semana.

A MGM foi pioneira no modelo de salas com cortinas, tapetes e ar-condicionado para abafar o som externo. No entanto, ao longo dos anos, no entanto, elas foram mo-

dernizadas e acabaram perdendo suas características originais. O extermínio das salas ocorreu em todo o mundo – hoje apenas dois prédios permanecem originais: o de Montevideu, no Uruguai, e em Buenos Aires, na Argentina.

“O Metro acabou com a Cinelândia, pois eram cinemas muito melhores. Não esqueço o filme ‘Rosa de Esperança’. Depois da sessão, as mulheres ganhavam rosas”, lembra Alice Gonzaga, diretora executiva da Cinédia, famosa produtora brasileira dos anos 1930 e 40.

Quem já foi à réplica de Ivo Júnior, garante que o ambiente é quase idêntico. O que sobrou dos cinemas Metro Passeio, Boa Vista, Copacabana e Tijuca foi garimpado pelo advogado quando os prédios foram demolidos para dar lugar a igrejas evangélicas,

supermercados e lojas de roupas. Assim, Ivo encontrou os painéis em madeira onde eram exibidos os cartazes dos filmes na calçada. Também as roletas, as placas sinalizadoras de entrada e saída e a urna de vidro em que os espectadores depositavam os ingressos – uma destas Ivo achou ainda com alguns tíquetes dentro. As luminárias foram adquiridas em um ferro-velho, e os projetores, obsoletos, foram doados por Luiz Severiano Ribeiro, o então proprietário das salas.

A história do advogado lembra o enredo do filme *Cinema Paradiso*, dirigido por Giuseppe Torna-





tore em 1988. Ainda menino, Ivo preferia acompanhar os filmes ao lado do operador, no Cinema Santo Afonso, na Tijuca, ao invés de assisti-los com os amigos nas poltronas. O hábito se tornou uma paixão e, desde então, Ivo coleciona tudo o que se refere aos filmes e cinemas da MGM. “O Centímetro vai ser mais do que um museu da Metro. Quero trazer estudantes de Cinema para fazer *workshops* aqui. Quem não tem onde exhibir suas produções também terá espaço, e o próximo festival de cinema de Búzios será fracionado aqui”, revela Ivo.

A escolha do lugar não foi casual. Ivo quis aliar o cinema à tradição cultural da Capital das Serestas, como é conhecida a pacata cidade de cinco mil habitantes. Como tinha um terreno em Conservatória, aproveitou o espaço para erguer o prédio. A casa foi crescendo ao redor e, para entrar no Centímetro, os visitantes estranham a passagem pelo quintal do advogado.

Durante a exibição para os visitantes – o cinema ainda não oferece sessões regulares, é preciso marcar com antecedência –, há pipoca com pipoqueiro, música na sala de espera e até o ingresso é uma réplica dos originais. Ele mesmo faz questão de operar os projetores. No meio da sessão, sempre com filmes clássicos, um intervalo para a troca do rolo. “Se depender de mim, a história desses palácios não vai ter o famoso ‘The End’”, afirma Ivo.

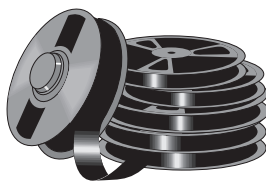
Profissionais do meio cinematográfico também sentem falta dessas salas, que marcaram época na vida de algumas pessoas. “O cinema de rua de que tenho mais saudade é o Bruni-Copacabana, que ficava na Rua Barata Ribeiro, entre as ruas Anita Garibaldi e Santa Clara, onde hoje funciona



Fachada modernizada do Odeon

***“O Odeon é um dos poucos cinemas que oferece opções de filmes não hollywoodianos. Um cinema de shopping center jamais exibiria obras como estas”***

Julio Tavares



a Modern Sound, a poucos metros da casa dos meus avós. Era um cinema meio poeira em relação aos outros de Copacabana (Art Palácio, Roxy, Copacabana, Condor, etc.), às vezes cheirava a mofo e a bomboniêre era bem simples, mas tinha uma programação diferenciada: era o único cinema comercial que exibia filmes italianos, especialmente comédias populares como *As loucas aventuras do Rabi Jacob*, os filmes da dupla Terence Hill e Bud Spencer, entre outros que fizeram minha cabeça de cinéfilo na infância e começo da adolescência. Foi ali que vi o filme em que eu mais chorei de tanto rir em toda a minha vida: *Deu a louca no mundo*, de Stanley Kramer”, conta o jornalista Janot, também crítico de cinema e DJ.

